

ESPELHOS DA POBREZA E DA EXCLUSÃO SOCIAL EM FERREIRA DE CASTRO E MIGUEL TORGA

Dora Nunes Gago
Universidade de Macau
Macau
doragago@umac.mo

“o homem é rico desde que se familiariza com a pobreza”

Epicuro

Resumo

No presente artigo, analisaremos o modo como é descrita a miséria, a pobreza e a exclusão social, associadas sobretudo ao fenómeno da emigração, patentes nas obras *Emigrantes*, *A Selva* de Ferreira de Castro, e *A Criação do Mundo* de Miguel Torga.

Atentaremos, por conseguinte, nas trajectórias empreendidas pelos protagonistas destas narrativas, sobretudo nas viagens empreendidas, mas também nas personagens anónimas, na “gente da terceira classe” metaforizada em “rebanho”, que parte na demanda dum Eldorado rapidamente desmitificado.

Além disso, será igualmente focado o cruzamento entre a realidade e a ficção, a experiência e a imaginação, visto que estas representações da pobreza e da exclusão social, impregnadas de humanismo, se enraízam nas vivências dos autores – pois ambos emigraram para o Brasil, sozinhos, no início da adolescência. Posteriormente, esses acontecimentos, vividos e sentidos, foram retratados e ficcionalizados nas obras literárias supramencionadas.

Résumé

Dans cet article, nous analyserons la façon dont sont perçues la misère, la pauvreté et l'exclusion sociale, liées essentiellement au phénomène de l'émigration, dans les œuvres *Emigrants*, *La Forêt Vierge* de Ferreira de Castro et *La Création du Monde* de Miguel Torga.

Nous nous pencherons, tout d'abord, sur les trajectoires suivies par les protagonistes de ces récits, sans oublier les personnages anonymes, les «gens de troisième classe» métaphorisés par l'image du «troupeau», qui partent à la recherche d'un Eldorado aussitôt démythifié.

Nous essayerons ensuite de mettre en relief le croisement entre la réalité et la fiction, l'expérience et l'imagination, dans la mesure où ces représentations de la pauvreté et de l'exclusion sociale, imprégnées d'un certain humanisme, se trouvent fortement enracinées dans le vécu intime des auteurs – au début de leurs respectives adolescences, ils ont tous les deux, seuls, émigré au Brésil. Plus tard, ces événements vécus et sentis se répercutent, sous le voile de la fiction, dans leurs œuvres littéraires.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Exclusão social, Pobreza, Emigração, Representações, Ferreira de Castro, Miguel Torga, Brasil

Mots clés: Littérature portugaise, Exclusion sociale, Pauvreté, Émigration, Représentations, Ferreira de Castro, Miguel Torga, Brésil

Ferreira de Castro (1888 - 1974) e Miguel Torga (pseudónimo de Adolfo Rocha, 1907-1995), oriundos do meio rural – um da Beira Litoral, o outro de Trás-os-Montes - viveram no início da adolescência a dura experiência de emigração para o Brasil, devido às dificuldades económicas das famílias.

O primeiro partiu com apenas doze anos, em 1911, tendo permanecido no Brasil até 1919, onde viveu a árdua experiência do trabalho como seringueiro no seringal “Paraíso”, no coração da Amazônia. O segundo emigrou, quase com a

mesma idade, com treze anos, em 1920 para trabalhar na fazenda do tio, perto de Minas Gerais, onde também realizou as mais árduas tarefas, desde capinar café a caçar cobras, tendo permanecido neste país durante cinco anos.

É de salientar que, nesta época, não era insólito jovens de tenra idade, ainda no início da adolescência partirem sozinhos para um país estrangeiro. Do ponto de vista histórico, ela coincide com o início de uma forte vaga migratória para o Brasil, que se manteve como forte destino de emigração até ao início dos anos sessenta, sendo, posteriormente, preferidos países da Europa.

Os dois autores, na demanda do “Eldorado”, cruzaram o Atlântico num vapor, na terceira classe, cresceram, amadureceram, regressaram a Portugal e escreveram essas vivências.

Tendo sentido na pele as dificuldades e a pujança das garras da pobreza, gravaram, em tom de denúncia, nas suas obras literárias, sobretudo em *Emigrantes*, e *A Selva* de Ferreira de Castro e em o *Primeiro e Segundo Dia da Criação do Mundo* de Torga múltiplas imagens da miséria e da exclusão social que abordaremos em seguida.

Antes de mais, principiamos por focar o momento da viagem na “terceira classe” em condições desumanas que ambos os autores vivenciaram e descreveram.

Gente da terceira classe: o rebanho embalado pelo mito do Eldorado

Em *Emigrantes*, as pessoas que vão emigrar, juntamente com o protagonista, Manuel da Bouça, são “animalizadas”, desde a descrição dos preparativos para a viagem e dos rituais burocráticos necessários, como é o caso da inspecção médica: “dóceis animais lá foram expor ante o olho clínico a carne fatigada, para receber o último carimbo.” (Castro,1980, 87).

Esta “animalização” tem por objectivo denunciar a condição miserável daquela gente e o modo como era tratada. A mesma ideia ecoa com a referência ao embarque no “Darro” (que constitui uma projecção do “Jerôme”, navio

cargueiro em que o jovem Ferreira de Castro viajou) revelada *a priori* a condição daquela gente:

“Por fim, o rebanho lá se foi, atrás dum tripulante que não respondia às perguntas que lhe faziam e marchava com apressados passos. Desceram escadas negras, tacteando corrimãos húmidos, tropeçando ao longo de galerias obscuras, até verem os seus beliches, uns por cima dos outros, como gavetões de jazigos. (Castro, 88-89).

Neste caso, verificamos que a “animalização” anterior se especifica e a tripulação é metaforizada como “rebanho”, imagem que se repete constantemente nas descrições desta viagem. O “rebanho” é uma palavra com forte carga simbólica que não é utilizada aleatoriamente. Segundo Chevalier e Gherbrant, ele representa o instinto gregário. O homem relaciona-se com a colectividade do mesmo modo que o animal com o rebanho. Assim, o ser humano converte-se cada vez mais em “pessoa”, quanto maior for a sua capacidade de se bastar a si próprio, sendo capaz de viver sozinho, fora de um grupo ou partido. Tal como o carneiro sente receio ao ver-se sozinho, o indivíduo também tem necessidade de sentir à sua volta os outros homens. Tal como referem os autores anteriormente mencionados: “O rebanho apresenta-se como uma massa, uma totalidade da qual não emergem nem homem, nem animal.” (1994: 562). Contudo, não podemos deixar de frisar que nem toda a comunidade é “rebanho”, esta é apenas uma forma animal do grupo, marcada por uma ideia de regressão. Por conseguinte, o rebanho representa tanto a perversão da vocação social do homem, como do pendor humano da sociedade. Nesta senda, segundo Juan-Eduardo Cirlot, como situação de multiplicidade, o “rebanho” possui signo negativo, indicador do desmembramento de uma força ou intenção. (1984, 491).

Assim, a palavra rebanho caracteriza de forma expressiva e simbólica aquela “massa” de gente anónima, desumanizada e curvada pelo jugo da miséria, que embarcava rumo ao desconhecido e à realização das suas ambições.

Constatamos ainda a comparação entre os beliches e os jazigos, e a insistência na cor preta, que também se repete:

Toda a terceira classe era negra, negra, viscosa e sufocante. [...] Cheirava a tintas e da cozinha exalava-se nauseante fartum de comida. Por detrás de cada porta vislumbravam-se corpos enrodilhados em grossos cobertores, em tecidos castanhos e escuros, que enervavam ainda mais o ambiente. (Castro, 89)

Nota-se neste excerto, a importância simbólica das cores usadas para descrever a “terceira classe”. Primeiramente, a repetição da palavra “negra”. Com efeito, a cor preta, opõe-se a todas as cores, estando associada às trevas primordiais, à indiferenciação original, sendo associada à condenação, à morte, tendo um aspecto de obscuridade e de impureza. Tal como referem Chevalier e Gherrbrant no *Dicionário de Símbolos*, visto que absorve a luz e não a devolve, evoca “o caos, as trevas terrestres da noite, o mal, a angustia, a tristeza, a inconsciência...” (1994, 543). Para além disso, na sua influência sobre o psiquismo, o preto dá uma impressão de opacidade, de espessura, de peso. Por isso de certo modo, “um fardo pintado de preto pesará mais do que um fardo pintado de branco”. (1994, 543).

Outra cor simbólica presente nesta descrição é o castanho dos cobertores onde as pessoas se “enrodilham”. Esta é a cor da gleba (logo, directamente conotada com a pobreza), da argila, do solo terrestre. Evoca também a folha morta, o Outono, a tristeza, delineando-se como “uma degradação, uma espécie de casamento desigual entre as cores puras.” (Chevalier/Gheerbrant, 1994, 168). Por isso, é um símbolo de humildade (“húmus” significa “terra”), tanto entre os Romanos como na Igreja Católica, motivo que leva os religiosos a vestirem-se de burel.

Assim, nos dias iniciais da viagem, a terceira do “Darro” era “[...] um curral flutuante onde se comprimia grande rebanho.” (Castro, 1980, 91).

O barco levava emigrantes de várias nacionalidades: galegos, polacas, etc., “Quase todos caminhavam cegamente, fascinados pela resplandência transoceânica do imã; era o mistério, o prestígio do longínquo, a fuga às garras de uma laboriosa miséria.” (Castro, 1980, 92). Com efeito, toda aquela gente tentava libertar-se da teia da pobreza. No fundo, o mito do ouro brasileiro, com raízes nos tempos de D. João V, o Magnânimo, que tanto gastara em obras monumentais, no Reino, encontrava-se bem vivo e presente no espírito do povo. Todavia, o ouro do Brasil já não chegava a Portugal “espontaneamente”. A partir do início do século XX, era consabido que era necessário cruzar o oceano e ir conquistá-lo com trabalho muito árduo às Terras de Vera Cruz. Na verdade, o mito do *Eldorado* encontrava-se profundamente enraizado no imaginário cultural.

O contraste entre a primeira e a terceira classe é frisado, como espelho das desigualdades sociais e das discrepâncias sentidas em qualquer sociedade. Aliás, neste contexto convém referir que Ferreira de Castro foi um precursor do Neo-Realismo, que entre finais dos anos trinta e cinquenta, revelou a sua visão histórico-cultural das contradições sociais, sob a égide do materialismo histórico e dialéctico, inspirado pelo pensamento marxista. Tendo esta obra sido escrita em 1928, não podemos deixar de notar alguns indícios neo-realistas no que concerne ao tratamento da temática da pobreza.

Nesta senda, contrastando com o conforto da primeira classe, “Na terceira, constituíam-se grupos, homens e mulheres, cabeças pendidas pela saudade, xailes, rostos de crianças, seios ao léu, numa promiscuidade cigana.” (Castro, 1980, 96).

Posteriormente, Ferreira de Castro revela igualmente o drama dos “torna-viagem” ao descrever as condições de regresso do Brasil de Manuel da Bouça, mais tarde a bordo do “Andes”, onde encontra uma tripulação ainda mais miserável do que a primeira, visto estar desprovida de esperança, devido ao naufrágio do sonho do Eldorado, vítimas da discriminação, da exclusão social, da desigualdade de oportunidades, pois:

Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando haviam chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. Estavam enfermos, sugados, envelhecidos, e só lhes restava implorar da morte um adiamento. Muitos deles iam repatriados pelos cônsules; outros tinham somado todas as economias feitas durante os anos de exílio e com elas adquirido lugar por quinze dias naquela pocilga transatlântica.” (Castro, 254).

“Por isso, aquela gente, desprovida de ânimo e alma, constituía, como afirma o autor, um “carregamento de carne humana, exausta, quase morta, que a América devolvia à Europa – homens que dir-se-ia estarem a mais no Mundo e se arrastavam pelos dois hemisférios como se fossem o refugio de outros homens.” (1980, 255).

Neste caso, constatamos que aquele grupo pertence a um contingente populacional (que, infelizmente, nos nossos dias, continua a existir, tendendo a aumentar nos mais diversos contextos) de pessoas que, na sociedade salarial, se assumem como um “peso”, visto que ao deixarem de ser explorados, deixam de ser integráveis, correspondendo ao perfil de seres humanos excluídos pelo sistema.

Pelo contrário, os passageiros do “Darro”, à semelhança de Manuel da Bouça, ainda rumam ao Eldorado, cheios de esperança e ilusões num futuro melhor.

Em *A Selva* (1930) a viagem no “Justo Chermont” de Belém do Pará para a Amazónia é igualmente feita em condições semelhantes. Nela, o protagonista, Alberto, é quem revela maior dificuldade de adaptação, evidenciando desprezo pelos miseráveis que compartilham com ele o mesmo espaço, que espelha o seu carácter elitista. É pois o cheiro a redil que domina e a metáfora do “rebanho”, à semelhança do que sucedia na obra anterior, de novo se impõe:

Na terceira, a caterva humana apertava-se e tripulante que quisesse romper o grupo tinha de eleger os cotovelos como argumento. Todo o rebanho, porém, se humilhava, incerto nos passos a dar evocando, ainda com terror, a viagem do Ceará até ali.” (Castro, 1980, 37).

Os sentimentos de isolamento, revolta, indignação e, sobretudo, de desintegração principiam a sentir-se ao longo da viagem no “Justo Chermont”, visto que ele não se identifica com a gente “sórdida e promíscua” que o acompanha. Neste ponto, a personagem contempla o “outro” (neste caso os outros emigrantes) com uma atitude que se aproxima da “fobia”, visto que o considera inferior. Posteriormente, já no seringal, a sua alvura e porte urbano convertem-no em alvo de escárnio, acentuando-se a solidão e o isolamento.

Por seu turno, Miguel Torga revela a sua experiência de emigração, ocorrida entre 1920 e 1925, na obra *A Criação do Mundo - O Segundo Dia*. Nela, deparamo-nos com um narrador autodiegético, retrospectivo, adulto e autoconsciente, que recria as vivências do passado, dando voz à criança que foi, através duma linguagem simples e espontânea. A emigração, numa tentativa de fuga à pobreza, assume-se como experiência de amadurecimento, de contacto com um espaço novo, diferente, marcado pela dureza da vida e, simultaneamente, pela descoberta.

A descrição do início da viagem para o Brasil termina *O Primeiro Dia da Criação do Mundo*, onde entra a bordo do “Arlanza” e o retrato não difere muito dos elaborados anteriormente por Ferreira de Castro:

Em toda a terceira só havia barafunda e lágrimas. Ninguém sabia fazer mais nada. O cheiro do desinfectante branco dos urinóis ardia no nariz. Chegava uma música vaga, de longe, da primeira. (Torga, 1999, 76).

Uma vez que o ser humano percebe o mundo real através de todos os seus sentidos, o apelo ao olfacto, através da descrição dos odores (o cheiro do desinfectante branco), confere ainda maior autenticidade e realismo aos factos

descritos. Tal como refere Yi Fu Tuan, o odor é um sentido negligenciado pelo homem moderno, uma vez que o ambiente ideal exclui necessariamente a existência de odores. No entanto, este autor afirma: “Odor has the power to evoke vivid, emotionally-charged memories of past events and scenes” (1990, 10).

Evidencia-se, aqui também o contraste entre as classes, entre a miséria de uns e o conforto de outros que emerge sob a forma da música, como uma realidade distante, diáfana e inacessível. Seguidamente, Torga refere, no *Segundo Dia*:

As ondas nasciam e morriam sempre da mesma maneira. [...] por fim, os vômitos começaram a ser em seco. [...]

Mas a vida era a vida e tudo mudou. Passada uma semana já ninguém gemia pelos cantos. [...] Quando a sineta tocava, ia buscar o rancho numa lata, e o grão de bico, apesar de bichoso e mal cozido, sabia-me bem. Aos sábados (havia sábados ali), lavava a camisa. (Torga, 1999, 81).

Assim, apesar da descrição sob a óptica do olhar nos permitir a aquisição de uma perspectiva mais abrangente do mundo que nos rodeia, o recurso à transposição das sensações auditivas (o som da sineta) possibilita-nos uma relação mais próxima e intensa com o espaço exterior, visto que como afirma Yi-Fu Tuan: “The sound of rain pelting against leaves, the roll of thunder, the whistling of wind in tall grass, and the anguished cry excite us to a degree that visual imagery can seldom match.” (1990, 8). Deste modo, a evocação dos diversos sentidos nas descrições confere-lhes maior realismo e verosimilhança.

Após este breve périplo pelas “viagens” da “gente da terceira classe”, abordaremos seguidamente, de forma sucinta, a inscrição da pobreza e exclusão social nos percursos das personagens.

Os percursos individuais e as precárias condições de trabalho: a pobreza na outra esquina

Em *Emigrantes*, já no Brasil, ao viajar no comboio, Manuel da Bouça presencia ainda miséria pior do que a sua ao vislumbrar, ao longo da via férrea, um acampamento de romenos, ludibriados pelo sonho do Eldorado, “um promíscuo e maltrapilho bando de homens, mulheres e crianças. Dir-se-ia a população de um cemitério recém-ressuscitada”, imagem da miséria “gritando do seu último degrau” (1980, 137).

Precárias são igualmente as condições de vida dos outros imigrantes portugueses que encontra no Brasil, já inteiramente desiludidos.

Finalmente, o protagonista encontra trabalho no cafezal de Santa Efigénia, local onde os trabalhadores vivem em “casinhotos” também são explorados e os salários são miseráveis, em contraste com as fortunas que os patrões (como o coronel Borba) se dão ao luxo de esbanjar no Rio de Janeiro ou em Paris. Estas condições de subserviência dos trabalhadores encontram-se presentes no seguinte excerto:

O feitor, olhar duro, boca cerrada, seguia de perto o esforço dos seus homens. Só um dos novos contratados o irritava, por se mostrar menos destro. Os outros de tronco nu, escorrendo suor, os músculos retesando-se com os movimentos do machado, corta, corta, cumpriam o seu dever. (Castro, 1980, 159).

Após ter trabalhado arduamente no cafezal de Santa Efigénia, em péssimas condições e com um magro salário, e, posteriormente ter partido para S. Paulo onde trabalhou como empregado num armazém, sem que a sua vida tenha melhorado, Manuel da Bouça consegue pagar a viagem de regresso com o dinheiro obtido através da venda de um anel roubado a um cadáver, tombado, durante a Revolução de 1928, ocorrida nesta cidade e liderada pelo general Isidoro Dias Lopes.

Ainda mais pungentes são as imagens da miséria em *A Selva*, que caracterizam a forma de vida dos seringueiros na Selva Amazônica, entre os quais Ferreira de Castro trabalhou.

Nesta sequência, o drama de Alberto e o seu percurso individual centram-se num único espaço: a selva amazônica que, devido à sua importância, assume quase a condição de personagem, visto que constantemente é animizada, comparada a uma “fera devoradora” (2006, 80), ou “monstro” (2006, 88).

Deste modo, a selva reflecte a realidade social e cultural do homem, assumindo-se, nesta medida, como um sistema simbólico de representação social.

Assim, esta outra face, de conotação positiva poder-se-á relacionar igualmente com o aspecto positivo da sociedade, ou seja, no meio das injustiças sociais, Alberto encontra, no seringal, entre os companheiros, sobretudo com Firmino, um mestiço oriundo do Ceará, uma grande solidariedade, que lhes permite enfrentar a miséria e a exploração de que são vítimas.

As condições de vida dos seringueiros encontravam-se muito próximas da escravatura:

A barraca tinha duas divisões: uma onde Alberto dormira, alardeava no chão, por baixo das redes, uma esteira e, ao canto um baú. A segunda, de mais estreiteza [...] dois caixotes vazios, para assento, e, dependurados na parede, os rifles. Dava ainda para uma alpedrada, aberta de todos os lados e onde a velha lata de petróleo, cortada numa das faces e com um buraco na parte superior, servia de fogareiro à cafeteira... (2006, 104).

Para além de viverem em barracas, e de serem “propriedade” do patrão, quando não podiam trabalhar nas estradas da borracha, devido às chuvadas, não ganhavam nada e esforçavam-se por sobreviver, satisfazendo as necessidades mais elementares do corpo. Acabavam por vegetar endividados, esfomeados e doentes, prisioneiros da selva. Os patrões fixavam preços exorbitantes a todas as mercadorias providas das grandes cidades, convertendo-as em inacessíveis aos trabalhadores do látex. O seu único lenitivo era a embriaguez periódica quando

tinha acesso à cachaça: “Até o novo domingo, todo o resto da semana se voltava em impaciência, semana negra como a água do igapo, dias longos em que a amargura sufocava e a boca exigia o ardor da esquece-sofrimentos.” (2006, 143).

Por conseguinte, ao longo do tempo, as mudanças operadas em Alberto são notórias. A princípio, é dominado pela sensação de aprisionamento, isolamento, solidão, sendo posteriormente vencido pela força tirana da selva, que o leva à submissão, ao desânimo e ao completo desleixo no aspecto físico que tanto prezava, numa descida ao seu próprio abismo interior, à degradação dos sentidos. Esta grande transformação é acompanhada por outra da mesma dimensão a nível psicológico. A personagem evolui notavelmente, através do seu contacto com o “outro”, sobretudo com Firmino (o seu companheiro de seringal), com os seringueiros irmanados com ele na mesma miséria, encarcerados no mesmo espaço claustrofóbico, dissolvente que lhes retira a humanidade e a dignidade.

Nesta sequência, o jovem arrogante, orgulhoso, convicto dos seus ideais políticos, elitistas torna-se mais humano, humilde, revelando uma abertura e compreensão face ao outro, num exercício de alteridade, marcado pelo encontro e a compreensão: “A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se agora e compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com farrapos dramáticos que a Europa ignorava.” (2006, 135).

Seguidamente, a vida de Alberto melhora, visto que passa trabalhar no escritório do seringal, com condições completamente diferentes das anteriores. No entanto, não esquece as condições de vida dos companheiros e ao recordá-las, revolta-se contra as injustiças de que são vítimas, num conflito interior que põe em causa todos os valores que antes defendera. Assim, num processo gradual de aprendizagem, modifica-se completamente, renovando-se, pondo de parte o seu passado, através da construção de uma identidade renovada, mais consciente.

A iniciar o capítulo XIV, já na recta final, de novo se afirma a miséria de novos emigrantes chegados à selva, desta vez japoneses, pois a pobreza não selecciona rostos, nem nacionalidades.

[...] toda a gente no seringal se especaria, boquiaberta, ante a nova religião que se debruçava, melancólica [...] no primeiro convés do “Justo Chermont”. Era rebanho copioso, de pele seca, proeminências ósseas na face e olhar mortiço de quem regressa de outro mundo. (2006, 211).

Por outras palavras, os “rebanhos” que chegam em busca do sonho, são, como já referimos, das mais diversas nacionalidades, pois a miséria não conhece fronteiras geográficas.

No final, constatamos que o protagonista, que desde o início se sobrepõe como herói, encarnando as aspirações dos seringueiros, se transformou num humanista que defende a justiça para todos. Aliás, após o incêndio provocado pelo negro Tiago para assassinar o tirano Juca, inimigo da liberdade, peça fundamental do sistema de exploração e opressão, que mandou chicotear os seringueiros que haviam fugido, Alberto conclui que nunca será advogado de acusação e aspira a um mundo mais humano e mais justo, a uma justiça universal, abandonando as suas ideias retrógradas e adoptando outros de teor humanista e progressista.

No fim, Alberto não necessita de “roubar” para pagar a passagem de regresso, como sucedeu com Manuel da Bouça, mas é a mãe quem lha paga.

Relativamente a Torga, à semelhança do que sucedeu com José Maria Ferreira de Castro, é também no Brasil, que irá crescer, amadurecer e tornar-se homem, nas condições mais adversas. Essa formação realizar-se-á em duas etapas, sendo a primeira preenchida com o trabalho árduo na fazenda do tio, onde não usufrui de qualquer privilégio, exercendo as mais duras tarefas. Posteriormente, em Ribeirão Preto terá a oportunidade de estudar e de ler os mais diversos autores, saciando a sua sede de saber.

No regresso, tal como sucedeu com Ferreira de Castro e as suas personagens, Torga também não traz fortuna material e o primeiro encontro com os pais relatado no *Terceiro Dia da Criação do Mundo*, revela que o fantasma da pobreza continua a atormentá-los, pois como refere:

Arrefecia-nos ainda outro gelo: a pobreza. A ausência cobria tudo de uma saudade doirada. E a realidade permanecia inalterável.

-O Pai escusava de andar com essas calças tão rotas!

- E que é doutras? Tu que cuidas?! Que o vou roubar? (Torga, 1999, 159).

Deste modo, também o escritor transmontano não integrou a pequena minoria de emigrantes regressados do Brasil enriquecidos, que serviram de modelo a algumas personagens de Aquilino Ribeiro. Nenhum deles foi, como explicava Oliveira Martins, o caixeiro que se torna negociante, enriquece e, vendo-se dono de um pecúlio maior ou menor, como esse pecúlio é dinheiro sem fixidez, líquida, recheia a carteira e volta a acabar regaladamente a vida junto às carvalhas da sua infância, na Praça Nova do Porto, ou na Rua das Capelistas de Lisboa (Martins, 248).

Conclusão

Em suma, se como afirmou Epicuro, o “homem é rico desde que se familiariza com a pobreza”, concluímos que, desde muito cedo, Ferreira de Castro e Miguel Torga foram enriquecidos humanamente pela dureza da vida, impulsionadora da experiência de emigração em “terceira classe”, integrando o rebanho que rumava além-mar na demanda do *Eldorado*. E a fortuna almejada foi alcançada, sim, mas sob a forma da palavra de escrita, de vivências sentidas e “escrevidas”. Delas germinaram obras que deram voz à pobreza e à exclusão social, retratando-a de forma nua, crua e realista, através de uma focalização interna que nos permite penetrar no universo íntimo dos protagonistas e nos meandros do seu olhar, aderindo à óptica de Manuel da Bouça, Alberto ou do narrador autodiegético de *A Criação do Mundo*. Obras delineadas na tela da própria vida, onde a ficção e a realidade, a imaginação e a ficção se entrecruzam na filigrana da narrativa, espelhando a pobreza dos destinos, tantas vezes escamoteados, da excluída gente da “terceira classe”.

Referências bibliográficas

- CASTRO, Ferreira de - *Emigrantes*, 21ª ed, Lisboa, Guimarães Editora.
-----*A Selva*, 40ª ed., Lisboa, Guimarães Editora.
- CHEVALIER, Jean et A. Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos* (trad. de Cristina Rodriguez e Artur Guerra), Lisboa, Ed. Teorema, 1994.
- CIRLOT. Juan Eduardo. *Dicionário de Símbolos* (trad. Eduardo Frias) S. Paulo. Ed. Moraes, 1984.
- EMERY, Bernard. *L'humanisme luso-tropicale selon José Maria Ferreira de Castro*, Paris, Ellug, 1992.
- GAGO, Dora Maria Nunes. 2008. *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- 2008. “A imagem do Brasil no *Diário* de Miguel Torga: Da emigração ao reencontro”, *Portugal e o Outro: olhares, influências e mediação*”, (coord.) Otilia Pires Martins, Coimbra, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp.147-160.
- “Trajectoires d'exil chez Ferreira de Castro - *Emigrants et Forêt vierge*. du rêve au cauchemar”, communication présentée au colloque "Exils, errances, rencontres" (décembre 2009), Cergy-Pontoise (France)
- http://www.u-cergy.fr/IMG/exils._traj.cergy.v.3dora_gago.pdf
- – “Pelos veredas da Literatura Comparada: Olhares de Ferreira de Castro sobre o Brasil, à luz da imagologia”, *Revista ALETRIA* nº1, vol. 21, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, jan-abr.2010, pp.35-48.
- “Pelos veredas da luso-brasilidade: ressonâncias do Brasil nas obras de Ferreira de Castro e Miguel Torga”, *Polissema, Revista de Letras do ISCAP*, Porto 2010, nº 10. 77- 91.
- LETIZIA, Maria Eva B.K., “José Maria Ferreira de Castro, uma vivência de emigrante nas terras do Brasil” , *Castriana*, nº2, Ossela, 2004.
- MARTINS, Oliveira. *Fomento Rural e Emigração*, 3ª Edição, Guimarães Editores, 1994.

SERRÃO, Joel. “Conspecto histórico da emigração portuguesa”,
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224258510R3rFG4jc9La79ZA4.pdf>,
acedido a 8/4/2012.

TORGA, Miguel. *A Criação do Mundo*, 3ª edição integral, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.

TUAN, Yi-Fu, *Topophilia, A Study of environmental Perception and values*. New York, Columbia University Press, 1990